



**ARTE E MODA NO PALCO DA CONTEMPORANEIDADE:
UM ESTUDO SOBRE A COSTURA DO INVISÍVEL.**

Lais Helena Gouveia Rodrigues

lais_hgr@hotmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta uma reflexão sob a estreita relação de arte e moda, sua função e contribuição na dinâmica da sociedade atual. Sob a ótica dos atores envolvidos no processo, busca-se discutir quais as diferenças e semelhanças entre essas duas instancias de legitimação tão importante para a cultura contemporânea. Através de uma pesquisa bibliográfica, de imagens e de vídeos toma-se como objeto de estudo deste trabalho o desfile de Jum Nakao, A costura do invisível, exemplo mais elucidativo dessa relação no ultimo anos.

Palavras Chave: Desfiles de moda, performances e arte.

Abstract

This paper presents a reflection on the close relationship of art and fashion, function and contribution to the dynamics of society. From the perspective of the actors involved in the process, this seeks to discuss the differences and similarities between these two instances of legitimation as important to contemporary culture. Through a literature search, images and videos becomes an object of study of this work the parade Jum Nakao, The invisible seam, more instructive example of this relationship in the last years.

Keywords: Fashion shows, performances and art.



INTRODUÇÃO

A arte é sempre uma fonte de inspiração para o mundo da moda, e tomando a definição de moda como um fenômeno sociocultural que expressa os valores de uma sociedade em um determinado momento, por que não afirmar que a moda também pode funcionar como fonte de inspiração para arte?

Arte e moda são dois campos da cultura que se consolidaram a partir da modernidade, envolve aspectos ligados à beleza e a valores estéticos, atua na construção da distinção social e determina grupos formadores de opinião. O museu e a passarela atuam como instancias de legitimação das obras produzidas, potencializando seu valor de mercado e o desejo de consumo. Assim como compramos uma determinada peça de roupa ou acessório na busca por participação em um determinado grupo social que não pertencemos, compramos ou apreciamos peças artísticas na intenção de parecermos mais intelectuais, na busca pela participação em grupos tidos como culturalmente superiores.

Seguindo esse raciocínio, a arte erudita, como define Bordieu (1989), afirma o que deve ser consumido como arte, e as passarelas de Paris, com seus grandes estilistas, definem o que deve ser usado nessa temporada. Percebe-se, então, que os limites são tênues, principalmente no mundo contemporâneo, trazendo reflexões sociais importantes, como a questão de distinção e pertencimento: o consumo ou negação da estética em voga, seja ela na arte ou na moda, acaba sendo um distintivo, um demarcador de vidas e memórias na sociedade.

Através de uma pesquisa bibliográfica, de imagens e de vídeos, este trabalho visa discutir a relação entre a moda e a arte, sob a ótica dos atores envolvidos no processo de construção. Observando-se a forma como os artistas plásticos e estilistas trabalharam a associação entre moda e arte, tomando como exemplo um dos trabalhos brasileiros contemporâneos mais elucidativos dessa relação: o desfile a costura do invisível, do



estilista Jum Nakao, realizado no São Paulo Fashion Week de 2004. No desfile em que as roupas foram totalmente confeccionadas em papel vegetal minunciosamente decorado e rasgadas ao final pelas próprias modelos, o estilista atuou como artista, produzindo idéias que vão além do sentido do vestuário, aproximando-se da questão da performance no âmbito das artes plásticas.

O desfile de Nakao utilizou-se da passarela, o altar da moda por definição, para discutir sua real função, assim como fez os dadaístas no início do século XX, quando se utilizaram da própria obra para criticar a instituição de arte vigente. A costura do invisível criticou a fragilidade, a efemeridade e a massificação presente no mundo da moda partindo do conceito que o traje é a representação do que está dentro de cada um de nós, nossas intenções e pensamentos, a forma que desejamos ser vistos pela sociedade. Este mesmo conceito está presente no mundo das artes plásticas: O quadro é a representação externada do pensamento do artista, sua ótica a cerca do mundo em que está inserido, é sua vestimenta.

Diante do exposto uma indagação fica: o desfile de Jum Nakao pode ser chamado de desfile de moda ou seria melhor defini-lo como uma obra de arte? Que elemento delimita essa questão? Há formas delimitá-la? Esses são os questionamentos que norteiam as discussões que compõem este trabalho.

1. A costura do invisível

Em 17 de junho de 2004 na São Paulo Fashion Week, um dos eventos mais importantes na área da moda em nosso país, um desfile chamou a atenção do público e provocou reações muito diversas. Ao desenvolver uma coleção toda confeccionada em papel que foi completamente rasgada no final do desfile, Jum Nakao trouxe para o evento uma discussão que foi muito além das passarelas.

Com o tema a costura do invisível, o estilista produziu toda sua coleção em papel vegetal, com inspiração no barroco e no rococó do final do século XIX. O uso do papel para a confecção das roupas por si só levanta muitos questionamentos: Nakao justifica sua escolha afirmando que o papel é o lugar do esboço, onde ele geralmente inicia o

processo criativo das suas coleções, material frágil transitório e sensível à ação do tempo, que, ao ser rasgado no fim do desfile coloca em xeque a fugacidade das tendências de moda.



Fig. 1 e 2 – Uma das peças confeccionadas para a coleção e o desfile.

As modelos utilizavam uma peruca feita de plástico, no formato dos cabelos dos bonecos do Playmobil, parecendo uma única pessoa. O que representava não só uniformidade trazida pelo consumo voraz da moda, como também a possibilidade de ser que você quiser ao vestir uma determinada roupa, já que os bonecos do Playmobil era todos iguais, podendo se transformar em qualquer pessoa dependendo de suas roupas. Nesse momento entra em jogo também a relação entre o lúdico e a moda, o real e o imaginário:

“O contraste entre as referências (a unicidade da indumentária do século XIX e a reprodutibilidade do Playmobil) criaria um instantâneo sem espessura: passado e futuro juntos evidenciando a transitoriedade das estéticas e linguagens e achatando inteiramente a perspectiva temporal. Um novo sentido se criaria rompendo as referências temporais.” (Nakao, 2005).



Para toda imprensa e teóricos da moda o desfile de Nakao seria como todos os outros, até mesmo as modelos só depois de muitas provas souberam que as roupas que usariam seriam de papel e, o rasgar das roupas só lhes foi revelado no dia do desfile. Segundo Nakao, o desfile começou dentro dos códigos, até o momento em que as modelos se perfilaram para uma última contemplação do espectador. “Nesse momento subvertemos todas as ordens, alteramos as luzes, a trilha. Era o sinal para rasgar. Uma abertura para a reflexão sobre novos caminhos possíveis na cartografia do invisível.” (NAKAO, 2005).



Fig. 2 e 3 – Momento em que as roupas foram rasgadas.

A sensação provocada nos espectadores ao rasgar das roupas se torna o grande objeto de discussão do desfile, muitas das modelos também se emocionaram a tal ponto que choraram enquanto rasgava um trabalho tão minucioso e delicado. É essa sensação de vazio depois de tanto esforço que nos faz refletir: A moda se faz importante na sociedade contemporânea à medida que se utiliza de seu repertório para a construção de momentos únicos, que no leva a questionar a sua real função, seus objetivos e seus legados para as sociedades vindouras, sensações e questionamentos também partilhados pelas artes plásticas. Nesse momento, moda, arte e design são apenas conceitos entrelaçados utilizados para explicar algo muito maior: a própria obra.



2. Performance: origem e definições

De acordo com o dicionário Global performance vem do inglês *performance*, que significa desempenho ou atuação; apresentação artística que não se classifica como teatro, dança ou música, realizada em espaços públicos. A performance deve ser compreendida a partir do desenvolvimento da arte pop, do minimalismo e da arte conceitual, que tomam a cena artística nas décadas de 1960 e 1970. Não raro a idéia de performance vincula-se ao *happening*, sendo que neste o espectador participa do espetáculo, enquanto que na performance, de um modo geral não há participação do público.

Essas linguagens artísticas vêm como importantes veiculadores de idéias na contemporaneidade, abrindo-se a experiências culturais aparentemente dispare. Esse novo contexto da arte, traz a realidade urbana para o mundo artístico, cada vez mais as obras se articulam em busca do novo, desafiando as classificações habituais e colocando em questão a própria definição de arte.

Assim, configura-se como algumas das principais preocupações da performance, as relações entre a arte e a vida cotidiana e sua interação com outros campos que não compõem o universo artístico, trazendo a tona a discussão entre o que se institui como arte e não arte, filiando-se, de certa maneira, aos questionamentos trazidos pelos surrealistas e, sobretudo, pelos dadaístas.

No Brasil, Flávio de Carvalho (1899-1973), foi um pioneiro nas performances a partir de meados dos anos de 1950. Uma de suas performances mais polêmicas foi andar no sentido contrário de uma procissão de Corpus Christi, sua ação perturbou os integrantes da procissão de tal forma que quase o lincharam. O artista acabou na delegacia pelo episódio, alguns meses depois escreve o livro *Experiência n.2* onde relata e analisa o acontecido baseado nos estudos da psicologia das massas, fortemente influenciado por Freud.

A produção dos parangolés, de Hélio Oiticica (1937-1980) em 1960, por exemplo, guardam relação com a performance, por sua ênfase na execução e no "comportamento-corpo", como define o artista. Além de aproximar-se também do universo da moda,



quando o próprio artista plástico produz o vestuário, abordando suas conotações simbólicas e explorando suas diferentes possibilidades ao assumir características diversas, de acordo com cada contexto cultural em que é apresentada a performance.

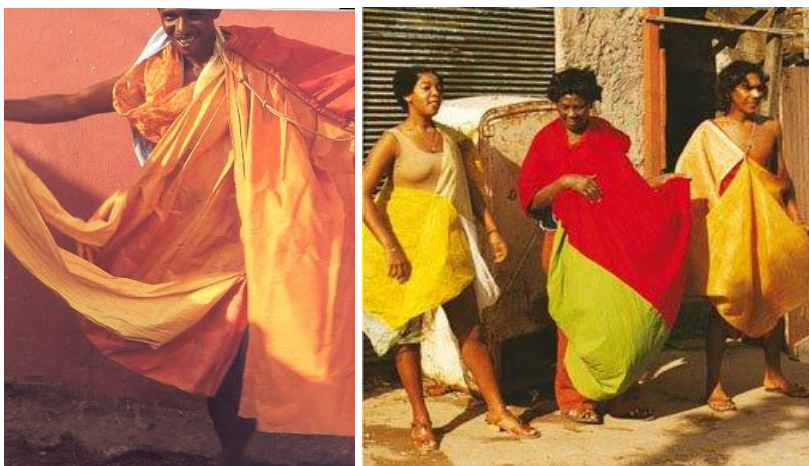


Fig. 4 e 5 – Os parangolés construídos por Hélio Oiticica

Uma exemplo de performance que foi realizada pouco antes do desfile de Jum Nakao e que conversa bastante com os princípios utilizados pelo estilista é a obra “elemento desaparecendo / elemento desaparecido” do artista plástico Cildo Meireles. Na obra, o público é levado a consumir picolés de água. Enquanto se chupa o picolé, lê-se no palito a frase “elemento desaparecendo” ao terminá-lo encontra-se a frase “elemento desaparecido”. Com o trabalho o artista buscou discutir os processos de industrialização e design envolvidos na composição do produto, o aquecimento global e escassez de água. “Ao circularem pelas vias e praças da cidade, os carrinhos de sorvete que vendem os picolés de água também percorrem, a um só tempo e sem distinção alguma, o circuito da arte, o da circulação de mercadorias e o de manifestações políticas.” (SCOVINO, 2010).



Fig. 6 e 7 – obra “elemento desaparecendo / elemento desaparecido”, de Cildo Meireles

À medida que esses picolés derretiam ou eram consumidos, desaparecia com eles a possibilidade de integra-los, como objeto palpável, ao mercado das artes. Porém, fica na cabeça de quem os consumiram importantes questionamentos a cerca das possibilidades do mundo com relação ao consumo de água, o mercado de design e a industrialização. Assim como no desfile de Nakao, onde as roupas duraram apenas o instante de serem eternizadas na lembrança de quem participou daquele desfile. Percebe-se, então, que objetivo das performances, portanto, não é o objeto em si, mas a reação do público, as mudanças de consciência, ainda que por um instante, em cada pessoa que participa, fazendo-os pensar.

A costura do invisível tornou concreto o objetivo de fazer pensar como nenhum outro desfile havia feito no país, levando o mundo da moda para todos os noticiários e veículos de informação no Brasil e no mundo. Assim como as performances apresentadas, o que teve mais valor do desfile de Nakao foi o processo, sublimando o produto final (roupa), tão valorizado no mercado de moda, fazendo os questionamentos levantados durante o evento perdurar até os dias de hoje.

3. Moda e arte na contemporaneidade

É importante ressaltar que apesar de trazer a costura do invisível como exemplo, o objeto de discussão aqui não é propriamente o desfile, pois já existem muitos trabalhos



que tratam com muita propriedade dessa discussão. O trabalho de Nakao é tomado aqui como o exemplo mais elucidativo de uma discussão que vai além dos quadros e das passarelas, questionando-se sobre a estreita relação entre esses dois campos tão importantes para a sociedade atual.

Ao contemplarmos a história da arte, percebemos que a partir dos anos 60, incentivada pelo movimento dadaísta no início do século, as artes saíram do âmbito artístico, possibilitando novas formas de arte que, através da hibridização, promove diversos questionamentos, ampliando as visões e interpretações dos usuários. Os dadaístas, por exemplo, utilizava-se de elementos do cotidiano reintegrados numa nova produção com objetivos críticos, assim como fez Nakao, ao utilizar-se do papel para configuração de suas roupas, desviando elementos pré-existentes para uma nova configuração, criticando, assim, a fugacidade e a posição hegemônica da moda.

No livro que narra toda a produção e construção do desfile *A costura do invisível*, a nota dos editores já intitula o trabalho de Jum Nakao como uma performance, já que as roupas, elemento motivador de qualquer desfile, duraram apenas até o momento em que foram rasgadas na passarela. Trabalhos como o de Nakao, nos faz perceber que, muitas vezes, o conceito de moda e arte se mistura a tal ponto que fica impossível perceber sua real distinção. Baudelaire define moda como “aproximação qualquer de um ideal cujo desejo faz cócegas sem cessar no espírito humano não satisfeito”, definição essa facilmente trazida para o mundo das artes, se tomarmos como análise os movimentos vanguardistas pontuados por Burger (1993).

A industrialização propiciou uma maior aproximação das artes à vida cotidiana, o que sua vez banalizou a experiência estética propiciada pelas obras construídas até então, despertando nos artistas a necessidade de uma nova visão a cerca das artes plásticas e, conseqüentemente, do que era tido como obra de arte. Segundo Burger (1993), a partir das vanguardas o conceito de arte foi alterado, inserindo artefatos e objetos nas produções artísticas (e posteriormente outras formas de arte, como música, dança e etc.), chocando e produzindo estranhamento, questionando a própria instituição de arte. A partir do momento em que tudo pode se torna arte, começamos a observar a



conexão entre os campos da cultura contemporânea e, conseqüentemente, a aproximação entre moda e arte.

Atualmente, as formas de comunicação, impulsionadas pela publicidade e pelo marketing, promovem no mundo moderno a revitalização e recodificação dos processos de comunicação visual, trazendo uma simultaneidade nunca antes vista, tanto no campo das artes, como no campo da moda. Segundo Caldas (2004), à medida que os sistemas de representação e significação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma desconcertante multiplicidade de possibilidades artísticas, redimensionando sua pertinência e importância nas sociedades contemporâneas, dada a formação e o advento da cultura de massa. Essa nova concepção da sociedade atual, apesar de desarticular as identidades estáveis da moda e da arte no passado, abre a possibilidade de novas combinações e novos sujeitos, possibilitando o intercambiamento entre esses dois campos e, conseqüentemente, novos questionamentos e novas soluções estéticas, impossíveis de serem classificadas como pertencente a um ou outro campo.

Além disso, é importante lembrar que os seres humanos trocam sinais que mesmo sem a mediação verbal, o faz tomar consciência de sua realidade e sua relação com o “outro”, sendo este o estímulo e ocasião da resposta. A moda e a arte são campos presentes nesses estímulos não verbais, que atuam na construção da distinção social, ao legitimar posições, ligados à participação ou negação dos valores estéticos vigentes. No poema *Blusa fátua*, por exemplo, o maior poeta do futurismo, Vladimir Maiakovski (1893 – 1930), descreve como expressar certos sentimentos e representações de si mesmo através de sua calça, exprimindo como deseja ser visto por meio de suas vestes. Reiterando a idéia de que as roupas, assim como as artes, definem esses estímulos não verbais que participam da organização social em que o indivíduo está inserido, como pode ser observado no trecho a seguir:

"Costurarei calças pretas
com o veludo da minha garganta
e uma blusa amarela com três metros de poente.
pela Niévski do mundo, como criança grande,



andarei, donjuan, com ar de dândi.“ (...)

Ampliando a possibilidade de inferir e discutir o mundo, criando relações mais amplas, a linguagem difundida através da arte e da moda têm uma estrutura e uma organização própria que rende visivelmente um sistema de conceitos e de relações que a manifesta e a representa, tornando tais conceitos presentes e efetivos.

A grande diferença entre esses dois campos talvez se dê sob o aspecto da participação político-social. A moda reforça os valores estabelecidos pela sociedade de consumo e a arte questiona e desafia esses valores. A moda, por definição, está vinculada à adesão da coletividade e tem que ter uma repercussão. Já os movimentos artísticos durante toda a história da arte era em sua quase totalidade compostos por artistas incompreendidos pela sociedade, que queriam uma nova forma de ver o mundo. Apesar da moda hoje fazer parte do universo de uma centena de milhares de pessoas no mundo, raras às vezes esse universo traz questionamentos a cerca de problemas políticos ou sociais. Felizmente, essa situação vem se revertendo, é crescente o número de projetos que visam à sustentabilidade, o reaproveitamento de resíduos sólidos, enfim. Diferentemente do mundo das artes que já traz em sua essência o poder questionador, enraizado a partir das vanguardas artísticas, apesar de nem todas as obras e nem todos os movimentos carregarem esses objetivos, porém essa é uma discussão que não cabe a este trabalho.

METODOLOGIA

Este estudo trata de uma pesquisa experimental que busca, através de análises bibliográficas, de imagens e de vídeos, discutir a relação entre a moda e a arte, sob a ótica dos atores envolvidos no processo de construção.

CONCLUSÃO



Este trabalho visa demonstrar, então, que esses dois mundos trazem em sua essência a magia do diferente e, entendendo que qualquer objeto pode possuir valor simbólico, quando o mesmo é culturalmente investido de significado entende-se, então, o valor das artes e da moda para uma sociedade, e a real função desses atores na dinâmica da contemporaneidade: Nós produzimos objetos para sujeitos sociais específicos no processo de reprodução de sujeitos por objetos sociais.

Com identidade cultural totalmente fragmentada, imerso numa era em que a moeda de troca mais valiosa dentro da sociedade é a informação, vivemos num emaranhado de conexões com informações vindas do cinema, da música, da política, da economia, da televisão, da internet, entre outros. Estamos inseridos em uma celebração móvel em que se torna possível afirma que, classificar as coisas talvez não seja tarefa do nosso tempo. Não importa, então, se a obra advém do mundo da moda ou das artes plásticas, as definições de conceitos podem delimitar o processo de construção e apropriação de seus significados intrínsecos.

Torna-se importante saber apenas que esses dois campos são ricas fontes de informação sobre a estrutura e organização de um determinado grupo social, são signos de um pensamento, de uma visão perante a sociedade. Porém esses dois mundos, como não haveria de ser, são manipulados por um grupo restrito de pessoas, uma “alta cúpula” que, através da espetacularização, manipula os símbolos pertencentes a esses meio, tornando-os objeto de desejo. Assim, não raro o visual fica encurralado diante do hiper-real, sublimando as questões mais importantes vinculadas pela arte e pela moda na contemporaneidade.

Foi possível perceber, ainda, esses dois campos, atualmente, acabam se preocupando com os mesmos problemas, porém podemos afirma que esses questionamentos são mais facilmente percebidos do campo das artes, do que no campo da moda. Isso se deve também ao conceito formado a cerca do assunto moda que, não raras às vezes, é tomado como uma instancia supérflua da cultura contemporânea.

Torna-se fácil perceber, portanto, que arte e moda têm um enorme poder transformador, criando e recodificando símbolos, instaurando-se como instancias legitimadoras de pensamentos e tendências. Entretanto, esse poder não é tão facilmente



percebido na moda, como é nas artes, a moda precisa utilizar de seu potencial de comunicação às massas, livrando-se do estigma de elemento supérfluo, liderando questionamentos importantes, assim como fez muitos de seus personagens ao longo da história. A verdadeira essência nesses dois campos é aquela que nunca satisfaz, que nos encanta e aprisiona.

REFERENCIA

- BOUDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- BURGER, P. Teoria da vanguarda. 1ª ed. Lisboa: Veja, 1993.
- CALDAS, D. Observatório de sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências. Rio de Janeiro: Editora Senac, 2004.
- ESPINDOLA, V. e COUTINHO-SILVA, T. Arte e design : uma reflexão sobre suas distinções. Acessado em: 05/07/2013. Disponível em:
- LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero. São Paulo: Editora Companhia das letras, 1994.
- NAKAO, J. A costura do invisível. São Paulo: Editora Senac Nacional, 2005.
- NARLOCH, Charles. Das artes liberais ao hibridismo: a revolução dos conceitos nas artes visuais. In: Arte contemporânea em questão. Joinville: Univille, 2006.
- NUNES, Bendito. Introdução a filosofia da arte. São Paulo: Ática, 2011.
- SCOVINO, F. Questões ambientais na arte contemporânea brasileira. Disponível em: <<http://www.goethe.de/ins/br/lp/kul/dub/umw/pt6907963.html>>. Acessado em: 05/07/2013.